# Inacreditavelmente, era um piano

Se antes tínhamos de fugir para o meio do monte, de nos isolarmos de qualquer companhia para desfrutar do silêncio, hoje já não.

Se antes num prédio se vivia quase em harmonia, numa algazarra onde todos se conheciam, hoje isso mudou.

Se antes os adultos eram ponderados e céticos, hoje continuam a sê-lo.

Mas, como para tudo, o prédio verde, lá em baixo depois da avenida, era a exceção. Ali vivia-se uma vida diferente, desde há dois anos, quando num dia chuvoso e de trovoada, no rés do chão um piano começou a tocar.

É agora que os adultos contorcem a cara numa careta, empinam o nariz e dizem muito seguros de si que nada disto é real, que não passa de uma história para crianças pequenas. Eis a vossa deixa. Se pretendem encarar a história de vida deste apartamento como uma brincadeira, deixem esta narrativa de lado e passem à próxima. Para os que estão dispostos a continuar, depois não digam que ninguém vos avisou.

O prédio verde era uma daquelas modernas construções para as quais todos, incluindo os velhotes, olhavam e diziam que “esta gente nova é muito fina”, e acrescentavam que quem ali habita vive isolado dos outros “como se eles fossem os ricos e tudo para lá da porta de cristal blindada fosse a ralé”. Tinham toda a razão. A verdade é que aquelas casas pertenciam a pessoas deveras desagradáveis, senão mesmo arrogantes. Os contabilistas do rés do chão adoravam dar ares da sua graça; para irem despejar o lixo vestiam vestidos que os demais só usariam num casamento, além do mais, tinham sempre algo de inconveniente para dizer, isto é, se o ser humano com quem falavam fosse suficientemente rico para que eles prestassem atenção.

Assim, já seria de esperar que numa dessas manhãs, quando começaram a chegar ao prédio verde velhos e velhas, casados e divorciados, tenham posto logo as mãos à cabeça, afastando-se mais de três metros de qualquer um deles e olhando-os com uma repugnância que só os ricos conseguiam ter. Nenhum deles percebeu qual seria o motivo para que o senhor do lado, como eles o chamavam, tivesse para organizar tamanha festa.

Diria, sem hesitar, que é este o ponto de viragem na vida calma e sossegada destes moradores. A partir dali nenhum deles voltaria a dormir uma noite descansada, viveriam sempre com aquele peso nos seus ombros.

E não era bem uma festa o que se passava no rés do chão esquerdo. Aliás, seria mais correto chamá-la de um género de receção de convidados depois de um longo funeral. Portanto, o código de vestuário exigia que os chorosos conhecidos do falecido levassem as suas roupas da igreja, pretas e austeras, as senhoras faziam-se ainda acompanhar de um lenço de pano, coisa que hoje em dia não se usa, e os que o fazem é porque não querem ligar às modas, preferindo a utilidade.

Quanto ao recém-falecido senhor Élder, posso afirmar que era um sujeito simples, andava sempre com uma camisa escura e umas calças igualmente negras, um chapéu branco e uma pasta, que muitas das vezes não tinha nada, a não ser uma nota de vinte euros e o cartão de cidadão. Uma figura que passava despercebida, mais ou menos como aquele vizinho que apesar de o vermos todos os dias nunca nos lembramos que temos. Este era um daqueles indivíduos que conseguia refletir a sua essência no modo como tinha arrumado e decorado o seu apartamento. Era, banalmente, cinzento, com poucos móveis, ou melhor, só com os estritamente necessários, nenhuma moldura com fotografias e poucos ou nenhuns objetos de carácter pessoal. Curiosamente, naquele T4 existia um quarto, largo e luminoso, onde não havia nada, nem mesmo um único grão de pó.

Todas as pessoas que compareceram eram muito bondosas e extremamente educadas, tentaram evitar perguntas pouco apropriadas, como: «Porque é que aquele quarto não tem mobília?». A sua força de vontade compensou, já que o neto do senhor Élder tinha desde as onze da manhã um receio imenso de que o questionassem, em especial sobre aquela sinistra divisão.

Sei exatamente no que estão a pensar, como vivia sozinho, o senhor Élder podia simplesmente não utilizar aquele quarto. A questão é que ao contrário de todas as outras divisões aquela estava limpa de forma imaculada, tinha um chão diferente, bem tratado, de qualidade e à partida muito caro. Sobre o chão brilhante havia um candeeiro como aquela casa não tinha: grande com uma luz

suave e amarela, nele estavam incrustadas pedras, diamantes e pérolas, onde incidia a luz do próprio. Por fim, não havia janelas.

De entre os cinquenta e sete convidados, nenhum deles ousou entrar no dito quarto, à exceção de um rapaz, muito loirinho que, não compreendendo o porquê de estarem todos tão tristes, andava a brincar com uma bola vermelha. Durante um lançamento arriscado para acertar dentro de uma bandeja, onde antes se pousavam as chaves de casa, a bola batera na esquina de um móvel e saltitara, parando a meio do misterioso quarto.

As crianças têm um dom: sabem tudo o que os adultos teimam em tentar esconder. Aqui acontece o mesmo, o rapazinho notara que nenhum dos presentes quisera entrar naquele quarto. Não sabia porquê, mas imaginou que fosse por haver nele algo de muito valioso, talvez uma grande jarra que pudesse partir.

Aflito, o menino olhou em volta a fim de verificar se havia alguém a olhar. Não. A mãe estava distraída a consolar um homem que chorava baba e ranho e, pior que isso, não tinha onde se assoar. A costa parecia livre, pé ante pé, o rapaz escapou-se para o quarto. A sua amiga, a bola, estava quieta no meio da sala, com se tivesse batido numa parede invisível. Com cuidado apanhou-a, por momentos pensou ver um vulto preto, virou-se. Assustado, percebeu que não estava nada ali, mas no segundo seguinte um arrepio fê-lo notar que ao longe se ouvia uma canção a tocar. Rapidamente correu para a sala de estar, todos os outros pareciam alheados. Olhando para a bola vermelha, o rapazinho advertiu-a de que não podia contar nada a ninguém.

O resto da receção decorreu melancolicamente, sem chamar a atenção dos restantes moradores do prédio; esses, como é óbvio, só se apercebiam de algo quando isso os incomodava ou os fazia perder dinheiro.

Nessa noite, longe dali, o neto do senhor Élder deitou-se no sofá com o computador no colo e pesquisou por agências imobiliárias. A casa do avô era um espanto, no centro da cidade, num bairro dos bons, nada problemático, mas o ar sério de todas as divisões era demasiado característico, transportava-o instantaneamente para o colo e os braços do avô, dava-lhe um aperto no peito, matando-o de saudades. Por muito que quisesse manter o que restava dele, todo o seu corpo sabia que só existia uma forma de seguir em frente — vender a casa.

Às duas da manhã, o prédio verde, lá em baixo depois da avenida, destacava-se. Enquanto os outros prédios pareciam inclinar-se, cansados de carregar o peso e os suspiros de quem lá morava. Todas as noites, antes desta, o prédio verde era tal e qual estes outros; hoje era diferente, tinha uma nova vida, alto, hirto e do lado de fora ouvia-se música, tão alta que abanava o edifício. Um piano. Era isso, um piano. E se ouvíssemos com atenção, era possível reconhecer o "I'm still standing", do Elton John. Foi nisto que o casal do 3º esquerdo, uns vegans com manias de *lifestyle*, que comiam nuggets de frango todas as sextas-feiras, pensou quando acordou sobressaltado com o barulho.

Qualquer um de nós, nesta situação, faria uma de duas coisas — ou nos viraríamos para o lado e tentaríamos voltar a dormir ou nos levantaríamos e iríamos bater de porta em porta à procura do "idiota mal-educado" que tocava piano a estas horas. Para o 3º esquerdo a escolha foi simples, eram pessoas finas, que não se misturavam com "comedores de carne" e que tinham um nojo completo de interagir com os outros moradores, por isso deitaram-se um ao lado do outro e passaram o resto da noite acordados.

Mais abaixo, no segundo andar, também estavam acordados um casal e duas filhas, cada um deitado na sua respetiva cama de solteiro, depois de terem posto uns tampões antirruído, aterrorizados com a ideia de ficarem surdos. Aqui vivia-se sob um ar fortemente purificado, livre de qualquer substância que não seja oxigénio, não fosse o ar deixá-los doentes. Eram completamente hipocondríacos, evitavam o contacto, comiam em pratos que eram esterilizados de três formas diferentes e, nunca, mas nunca, saíam à rua sem fatos, máscaras e luvas especiais.

Sabe-se lá porquê, o gerente de uma empresa automóvel, que morava no 1º direito, também estava a pé. Passava pouco das três da manhã e ele entretinha-se passeando de um lado para o outro no quarto branco, enquanto bebia uma cerveja e gritava asneiras — dizia ser capaz de partir a boca toda ao gajo da porta ao lado. Contudo, estava tão bêbado que daqui a umas horas não se lembraria de nada disto, apenas do piano.

Este homem, Tom, como gostava de ser tratado, fora o único que, ao ouvir o piano, tinha tomado a iniciativa. Durante meia hora tocara insistentemente às campainhas, a colar o ouvido às portas para ver se descobria de onde vinha o som. De momento, estava furiosíssimo, já que ninguém lhe abrira a porta. Aqui

entre nós, Tom era a chamada “ovelha negra” do prédio, isto é, tinha dinheiro e conseguia sempre armar confusão. Além disso, estava sempre embriagado, quer fossem seis da tarde ou onze da manhã. Deste modo, era comum que todos os que ali moravam o tentassem evitar.

No decorrer do resto da semana o piano tocou noite e dia, a todas as horas, dando com eles em malucos. Vencida a fase de “ah isto lá se resolve”, o prédio convocou uma reunião de condomínio, com a advertência de que se o dono do piano não revertesse a situação até à data agendada, iriam abrir e vasculhar todos os apartamentos.

O piano não parou.

À hora marcada, todo o prédio se encontrava sentado numa salinha escura, que tinha apenas uma lâmpada pendurada no teto bolorento. Se todo o prédio era bastante limpo, aquela sala estava vergonhosa, devido à falta de uso. Tendo em conta o mistério que tinham em mãos, parecia adequada, lembrava a de um interrogatório.

A porta fechou-se. O ruído amainou.

— Quero começar esta reunião por dizer que tudo isto deve ficar registado em ata. — A advogada do 3º direito levantou-se e puxou de uma folha. — Deve-se começar por fazer a chamada…

A sala irrompeu em uivos de desacordo, uns porque julgavam ser uma perda de tempo, outros, simplesmente, porque não podiam ficar atrás e tinham de barafustar também. Rapidamente, decidiu-se que, visto que o piano continuava a tocar, se procederia a uma revista de todos os apartamentos. Já estavam os presentes de pé quando Tom gritou:

— Mas olhem lá uma coisa, meus estúpidos, se estamos todos aqui… — Contou-os com o olhar atento. — Quem é que está a tocar o piano?

— Não sei..., mas é uma boa pergunta — disse o neto do senhor Élder.

Os outros desvalorizaram, “ele está a cair de bêbado” e ainda “tresanda a álcool”. Estes dois lá se juntaram aos restantes que estavam agora a abrir a porta da casa da advogada perfecionista, deparando-se com um apartamento imaculado.

Talvez o leitor ache completamente normal. Contudo, a verdade é que me incomoda, nenhum dos presentes estranhou a falta do senhor Élder, melhor, nenhum dos que ali se encontrava achou bizarro que na reunião comparecesse

um rapazinho loiro. Se calhar, se eles tivessem reparado em quem os rodeava, o piano teria tido um fim diferente.

Os primeiros sete apartamentos estavam imaculados, também não podia ser de outra maneira, o que seria se o prédio verde, o prédio dos ricos, estivesse sujo? Isso nunca! Tudo brilhava, até a casa de Tom parecia como nova, e mesmo assim nada podia aliviar o cheiro a whisky, gin, vodka e cerveja barata.

Faltava o do senhor Élder. O piano ribombou. Instantaneamente, todos perceberam que atrás da porta metálica fria estava o problema. O neto do senhor Élder empalideceu. Foi o rapaz que rodou as chaves na fechadura, depois deu a mão ao Tom enquanto o neto do senhor Élder ia à frente.

Tal e qual gazelas, os moradores entraram no espaço e dirigiram-se à cozinha. Tom manteve-se de mão dada com a criança, depois pegou-a ao colo pousando-a sobre o ombro, “mesmo à campeão”, dizia ele. Conheciam-se há cinco anos. A mãe costumava dizer-lhe que o Tom a tinha ajudado, quando um dia ficara presa na casa do senhor Élder, onde trabalhava como mulher a dias. Tom fora, na altura, um herói, não só avisara a polícia como fora buscar o menino à creche. Atualmente, o rapazinho via-o como um pai, aliás, por muito que a mãe tentasse, não conseguia esconder que, lá no fundo, estava apaixonada por ele.

Vasculharam tudo, sem piedade alguma, mas ao depararem-se com a sala vazia, pararam. Neste momento, Tom e o rapaz vieram ver o que se passava, o porquê daquele silêncio súbito.

O menino abriu a boca perplexo.

— Está aqui um piano!

Para os que continuaram a ler, os adultos que se acharam capazes de superar a sua natureza cética, digo e aviso que, se, de repente, sentem que podem fraquejar, que podem não ter coragem para enfrentar o que aí vem, fujam enquanto é tempo. A sério, isto a partir daqui não é fácil, ou melhor, era bastante simples não fossem vocês céticos.

— Não vejo ali nada — exclamou o contabilista tentando conter o riso.

De facto, não era só ele, nenhum dos adultos ali presente via, no meio da sala, o piano. O rapaz, que saltara do colo do Tom, apontava freneticamente para o instrumento.

— Está mesmo aqui, não veem? — O rapazinho deu uma volta pela sala, admirando-o. — É um piano mesmo bonito... esperem. Ah, toca sozinho.

Gargalhadas ecoaram por toda a sala, umas mais altas e estridentes que outras e, contudo, todas cessaram no instante em que perceberam que o miúdo não estava a gozar. Aparentemente ele estava mesmo a ver o piano. A advogada foi a primeira a recuperar do choque, dizendo:

— Impossível. Se estivesse um piano nesta divisão, nós vê-lo-íamos. — Deu um passo em frente na tentativa de ver se lhe estava a escapar alguma coisa. Nada.

— Rapaz, não estarás a ver coisas? — Agora era a vez de Rúben, o hipocondríaco do segundo direito. — Alguém veja se tem febre, que o pobre do rapaz delira!

Uma senhora tentou agarrar no menino, puxá-lo para que se aproximasse. Relutante, ele acercou-se. A mulher levantou a mão rugosa e velha, com umas compridas unhas verdes, e pousou-a na testa do menino.

— Está normal. — A senhora deu uma espreitadela à sala, semicerrou os olhos, levantou os óculos, tentou de tudo e concluiu: — Não te terás enganado? Olha melhor… isso… com calma.

O rapaz loirinho observou a sala: no meio, um piano de cauda, preto e robusto, tocava uma música dramática, como se percebesse a tensão da situação. Não havia nada que enganar, aquilo que ali estava, coberto de teclas pretas e brancas, era um piano. O que mais o espantava era o seu tamanho, era gigante, maior do que qualquer janela, qualquer porta. Não conseguia perceber como é que alguém o conseguira meter naquela salinha.

— Está. Ali. Um. Piano — disse as palavras muito devagarinho. Não os queria assustar.

— Isto é ridículo, não está ali nada. — O contabilista, vermelho de raiva, tentou alcançar o braço da criança, falhando. — É muito feio brincar assim com as pessoas! Ouves, meu sacana?

— Gritar não resolve os problemas! — interromperam os vegans.

Estavam a ponto de desviar a conversa para o *lifestyle*, como era hábito, mas o Tom foi mais rápido.

— Suponhamos que está ali um piano... — Ouviram-se gritos de discordância. — Vamos lá ver, meus amigos, é inegável que todos ouvimos um piano, certo? — Tom deu uns passos em frente, todos se calaram. — Portanto, pensemos que está um piano neste quarto, como é que ele é?

O rapaz iluminou-se, sorriu e como quem descobrira a lata das bolachas debaixo do armário começou:

— É enorme. — Abriu os braços. — Preto, com as suas teclas claras, que baixam e sobem consoante a canção. — Pensou por um momento — Ahh! E tem um banquinho vermelho e dourado. Não veem? — Assim que percebeu que não, as lágrimas vieram-lhe aos olhos.

— Eu vejo.

Silêncio. Os presentes sustinham a respiração, o piano tocava notas cada vez mais espaçadas. Não havia palavras para descrever a surpresa daquelas nove pessoas, muitas delas, nas suas cabeças, pensavam que ele só podia estar a mentir, para, de algum modo, não ferir os sentimentos da criança. Mas logo este pensamento se dissipava ao verem as sobrancelhas franzidas dele.

Vários começaram, incrédulos, dizendo que “não é possível” ou “mas como...?” e até mesmo “tens a certeza?”. Ao ver que também não criam nele, apressou-se até ao meio da sala, parando ao lado do rapazinho. Foi aí que teve uma ideia.

— Posso prová-lo. — Esperou uns segundos, não fossem os moradores congelar de choque outra vez.

— Então, de que é que estás à espera?! — exaltado, o contabilista tornara-se impaciente e barulhento.

O neto do senhor Élder não pôde deixar de sorrir. Há mais de vinte anos que sabia da existência do piano e, no entanto, nunca tinha falado dele a ninguém. Bem… só com o avô. Desta maneira, ao descobrir que não era o único a poder vê-lo, pensou que só haveria uma maneira de convencer um monte de adultos, focados nos seus próprios umbigos. Se não era exequível ver para crer, teriam de confiar no tato.

O piano tocava uma música animada, num volume um pouco mais normal.

Estava na altura. Pegou no rapaz ao colo e com muito cuidado sentou-o em cima do piano. De um lado, estavam todos muito pálidos, pois viam um miúdo sentado em cima de nada, como que a flutuar.

— Não, não, não. — A advogada abanava a cabeça. Tremia por todo o lado. — Não pode ser.

Sem aviso, ela começou a espreitar os cantos da sala, à procura de câmaras, não fosse aquilo uma partida para um desses programas de

*Apanhados*. Tanto o rapaz como o neto do senhor Élder ficaram calados, sabiam perfeitamente que não havia mais nada a fazer. Eles tinham de acreditar.

— Como é que não o vemos? — foi a vez de Tom falar. Sentia-se tonto, só ainda não sabia se da bebida ou da situação.

O resto foi uma barafunda: uns não conseguiam acreditar, os outros também não. Mesmo assim, havia um certo esforço, ninguém negava que no meio da sala existia algo, ninguém negava que ouvia um piano e ninguém negava que aquilo não podia acontecer. Nunca eles tinham ouvido falar de um piano que tocasse sozinho, muito menos de um que fosse invisível ao olho adulto.

Já me esquecia, depois do acontecimento, o casal de hipocondríacos levou as suas filhas à sala do piano e elas, sem hesitar, disseram o mesmo que o rapaz loiro: que ali estava um piano.  Ficou claro: nenhum adulto que ali entrasse veria um piano.

Quanto à música alta, dava a impressão de que após o sucedido, ele tinha acalmado e, apesar de nunca deixar de tocar, à noite limitava-se a uma canção mais sossegada e, durante o dia, em especial de manhã, uma muito mais alegre e bem-disposta.

Adultos, não sorriam dessa maneira, não pensem que isto é ficção, porque não o é. Aconteceu numa cidade longe da vossa, longe da minha. Aconteceu num sítio onde, como vocês, havia muitos adultos pirrónicos e que não aceitavam que um piano tocasse sozinho, não acreditavam numa criança que dissesse que ele existia, quando não se via, simplesmente porque não o conseguiam ver.

Este piano veio mudar tudo, o prédio verde continuava a ter as mesmas pessoas arrogantes, vaidosas, cheias das suas manias e, apesar disso, agora, quando viam o neto do senhor Élder, que decidira mudar-se para a casa do avô, cumprimentavam-no com um aceno discreto. Isto fora só o começo.

Uns tempos depois, os contabilistas começaram a deixar os vestidos de cerimónia para ir despejar o lixo; os vegans passaram a ser um pouco mais tolerantes, aliás, de momento, reconheciam que comiam carne de vez em quando e que até era bom; os hipocondríacos não abandonaram os fatos brancos para sair à rua, apenas deixaram de os usar dentro do espaço comum

do prédio, e de vez em quando até deixavam que as filhas fossem brincar com o rapaz loirinho.

O gerente da empresa automóvel, que estava sempre bêbado, cujo apartamento tresandava a álcool, já não era o mesmo. Desde que vira o rapazinho loiro no meio daquela sala, a pairar, tinha largado a bebida, decidido a mudar de vida. Hoje estava um homem completamente diferente, mantinha o bom coração, abandonara a sua natureza desordeira. Vejam só que até estava noivo. O rapaz loirinho e a mãe moravam com ele e não faltava muito para que se tornassem numa família.

As pessoas não mudam, evoluem. Os adultos não são exceção, demoram sempre mais, estão demasiado habituados àquilo que deve ou não acontecer, que pode ou não existir. Nenhum adulto acreditará numa história destas, não está na sua natureza. Contudo, conte-se isto a qualquer criança e pergunte-se-lhe se é possível, ela dirá que sim, mesmo sabendo que seria um acontecimento raro.

Um relato destes não pode alterar esse ceticismo, mas se pudesse fazer com que todos os adultos vivessem fora do possível e impossível, seria maravilhoso. E, se pensarmos bem, é até correto, porque, acreditem em mim quando o digo, mais tarde ou mais cedo um piano pode começar a tocar sozinho. Nessa altura, será preciso alguém capaz de acreditar em magia.